

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE CONCIÊNCIA DE CLASSE

Democracia x Oligarquia

Dione Silva de Castro

O formato de Estado que conhecemos na *pela*, é aquele que há uma classe dominante no poder e, cria um mecanismo governamental para beneficiar uma “minoría” que não é a classe trabalhadora ou marginalizada – maioria. Mas, sim a “minoría” burguesa, sendo esta a detentora da maior parte da riqueza gerada. É verdade que se tem um Estado constituído de direitos, republicano e democrático formalmente, porém na prática não é para todos, e sim para poucos. Pouquíssimos.

Quer um exemplo? O servente, tampouco o pedreiro que usou de sua força de trabalho para construir uma universidade pública, não tem condições de dar ensino de alto padrão a seu filho para disputar uma vaga com o filho do burguês naquela mesma universidade construída por suas próprias mãos. Raras são as exceções. Aí eles dizem: “meritocracia”. Eu digo: Barbárie. Apesar da educação ser um direito de caráter fundamental e universal, não é o mesmo que educação de qualidade. A educação de qualidade não é para todos, ela é de fato para aquele grupo dominante. Quando dizem ao contrário é discurso para “inglês ver”. Papinho de liberal barato.

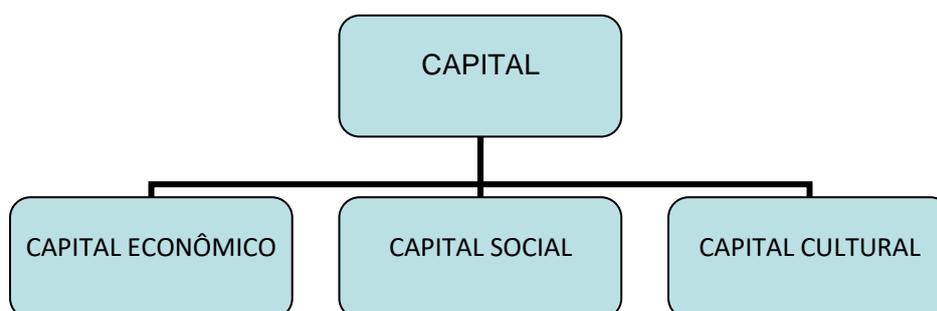
Ora, aquilo que o Estado oferece, grande parte do que consumimos em termos de conhecimento é sob a ótica dos “grandes homens”. Quais “grandes homens” são estes? Quem são os “pequenos”? Eles são “grandes”, por quê? Simples, o saber histórico nos mostra que esses “grandes agentes do progresso”, são os poderosos dominantes, que tem seu poder pautado na exploração dos “pequenos”. Aliás, há um pacto senhoril feito somente com a ideia da existência do “pequeno”. É o prisma da ideologia dominante.

A população é mal informada, há um desprestígio pela política, pouco interesse, uma alienação total. Muitos aproveitam desta alienação de modo a pensar em políticas públicas direcionadas ao grupo elitizado, além do fato de servirem como massa de manobra. Assim, não há nenhum interesse em desenvolver esta massa, pois fazem parte de um coeficiente, o eleitoral.

Tudo começa pelo desconhecimento dos conceitos de classes sociais e formação étnica do nosso próprio país. Assim, inibe qualquer anseio de luta de classe iniciada pelas minorias, pois torna-se uma sociedade desorganizada politicamente. Uma questão que precisa ser esclarecida é a definição de classes sociais sob a perspectiva do gênero capital e suas espécies exposta por Pierre Bourdieu.

Há uma verdadeira distorção frente ao entendimento deste importante conceito, responsável por direcionar estudos e efeitos comportamentais na sociedade como um todo. Sobretudo, os efeitos e condutas das classes: dominante, média, trabalhadora e marginalizada. Mas, antes vamos refletir sobre o capital, de modo a compreender suas espécies.

A primeira vez que compreendi o termo capital e suas espécies expostas por Pierre Bourdieu, foi através do sociólogo brasileiro Jessé Souza. Temos uma visão ofuscada referente ao *capital*. O *capital* não é só poder econômico – não é só dinheiro – assim como compreendemos. O *capital* é também poder econômico. O termo *capital* trata-se de gênero, dividido em espécies a saber: a) capital econômico; b) capital social; e c) capital cultural. Compreenderemos cada um destes conceitos e entenderemos a proposta de como se coloca cada classe em uma estrutura diferente da que estamos acostumados a ver.



O *capital econômico* é bastante conhecido entre a sociedade, pois vivemos em um Estado liberal, ocasião que se dá muito valor a políticas econômicas financeiras capitalistas na geração de riquezas, sobretudo no acúmulo. Entende-se como *capital econômico* a forma de diferentes fatores de produção, tais como fábricas, terras e trabalho. Não só isso, é também o conjunto de bens econômicos como dinheiro, patrimônios e bens materiais acumulados, reproduzidos e ampliados através

de estratégias próprias de proprietários privados ou do Estado através de políticas econômicas públicas de incentivo.

Já o *capital social* seria a construção de contatos e influências entre pessoas e grupos sociais. Via de regra, esta construção inicia no interior das redes familiares havendo inclusive uma determinada importância para o desenvolvimento escolar e cognitivo dos filhos daquelas famílias. Ainda, um outro momento de construção desta espécie de capital seria nas relações extrafamiliares. Ou seja, contatos fora do lar, principalmente no contexto econômico, de personalidades estatais, comunidades e grupos formais de expressão dominante ou gerenciador das classes dominantes tais como políticos, além dos informais – aqui a classe dominante que não sabemos quem são tais como donos de grandes empresas.

Por fim o *capital cultural*, trata-se da construção do conhecimento, da *práxis* aderente aos procedimentos de aprendizagem seja por uma experiência ou através de acesso a uma educação que não é a vulgarmente conhecida por nós da classe trabalhadora e marginalizada. Trata-se de uma educação sofisticada que leva a apreciar e valorizar a cultura através de acesso a obra de artes, livros, dicionários, conhecimentos linguísticos, acesso a outros idiomas, instrumentos, máquinas, saber apreciar a culinária, bebidas, de modo a ter condições críticas de problematizar a complexidade da vida, além de arranjar soluções. Assim, Pierre Bourdieu define *capital social*:

[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28).

Pois bem, agora que entendemos cada espécie do gênero capital, indaga-se: qual o reflexo na compreensão e consciência de classe? Falar-se-á sobre as espécies de classe dominante, classe média, classe trabalhadora e classe marginalizada.

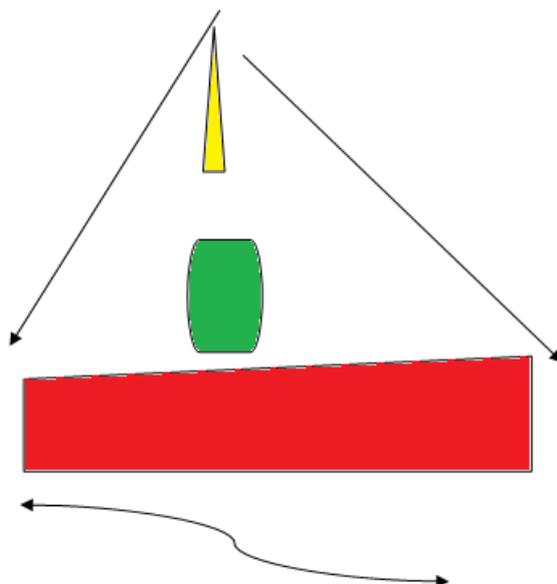


Ilustração artística autoral das classes.

A *classe dominante* é composta por agentes que detêm e controlam todo o processo de produção capitalista através da exploração da força de trabalho e tem enorme influência política ao ponto de direcionar o Estado para atender seus interesses particulares. Trata-se de uma minoria poderosa que vive em uma autosegregação. São detentores do capital econômico, capital social e capital cultural. Vivem em lugares inacessíveis as demais classes. São os banqueiros, empresários milionários, fazendeiros latifundiários e, pessoas que não possuem nenhum meio de produção, mas participam como gerentes da classe dominante no sistema, assim como os políticos de alto clero. Trata-se do burguês.

São classe dominante, não simplesmente pelo poder econômico, mas sim por sua composição. O fato de ter 1 milhão na conta bancária não o torna membro da classe dominante. Pois, é preciso ter influência social, contatos com membros da alta casta, senso cultural apurado como saber apreciar um bom vinho, possuir obras de arte, entender sobre arte, ter acesso as mais raras joias, ser educado nas melhores universidades do mundo, relacionar e casar-se entre membros da classe dominante etc.

Já a *classe média* é composta por aqueles que possuem um poder aquisitivo, porém não são donos do poder de produção. Apesar de ter como meta a acessão para classe dominante, porém não é tão simples. A classe média detém de uma parte do capital social e do capital cultural institucional. Tem acesso as

universidades, via de regra, fazem parte do funcionalismo público e de profissões tais como engenheiros, médicos, grandes advogados e, uma pequena categoria de empresário não milionário.

A *classe trabalhadora* atualmente é composta pelo tradicional operário industrial, o trabalhador rural assalariado, os assalariados de serviços tais como os operadores de telemarketing, os que trabalham nos supermercados, a massa de trabalhadores que trabalham nos bancos – inclusive os gerentes, os trabalhadores terceirizados, os desempregados – estão nesta condição pelo capital, microempreendedores, os autônomos, empregados domésticos, os motoboys, enfim, são todos aqueles que vendem sua força de trabalho tendo ou não carteira de trabalho assinada. Aqueles que possuem salários melhores têm acesso – limitado - ao capital cultural formal, tal como acesso a um curso superior e uma ou duas especializações técnicas.

Todo meio de geração de e acúmulo de riqueza aos dominantes advém da exploração da força da classe trabalhadora. Por fim, a classe entendida como marginalizada, são aqueles aos quais não conseguem ter acesso aos direitos fundamentais tais como a saúde, alimentação, moradia, educação e outros. Chamados de “marginais” são aqueles que estão a margem social periféricas.

Diante disto, cabe-me salientar que a definição de classe social através do potencial de consumo não é uma forma adequada de qualificação. Pois, como observado acima, há elementos de composição e, uma das formas que pode ajudar a perfurar o limite da classe trabalhadora para a classe média é o acesso ao capital cultural. Somente a educação de qualidade é capaz de dirigir uma possível acessão social.

Portanto, sinto muito em dizer, que há uma inversão de entendimento sócio cultural e político. Há aqueles que pensam ser da classe média, mas são na verdade da classe trabalhadora. Pois, não é o alto salário que determina uma classe. Defendem políticas de interesse da classe dominante, tendo a ilusão de um dia se tornar membro daquela determinada classe, porém não é possível. A classe média, por exemplo, nunca será classe dominante. É usada como massa de manobra na defesa dos interesses da classe dominante.

Na atual conjuntura, vemos muitos assalariados, microempresários, empresários não milionários, dizendo serem conservadores de direita. Ocasão em que não compreendem sua posição na sociedade. A direita, via de regra, defende

questão não progressistas. O foco principal da direita – composta pela classe dominante – é o acúmulo máximo de riqueza através da exploração das demais classes, principalmente da classe trabalhadora, através da proteção do livre mercado e Estado mínimo.

O Estado tem um papel determinante de assistência as demais classes sociais, principalmente a classe trabalhadora e marginalizada. O Estado é quem define os direitos fundamentais aos trabalhadores, como acesso a saúde, os direitos trabalhistas, as assistências sociais, etc. Deste modo, falta o membro da classe trabalhadora compreender seu contexto social e sua posição enquanto classe social. Todo membro da classe trabalhadora e marginalizado tendo consciência defenderia as ideias progressistas de esquerda. Assim, rompendo com a burguesia através da luta de classes.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, nov. p. 3-6, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.